

# V Seminário do MUSEU D. JOÃO VI



Coleções de arte: formação, exibição e ensino  
Anais eletrônicos - Painéis de pesquisa

Organização:  
Ana Cavalcanti  
Marize Malta  
Sonia Gomes Pereira

## Uma grande coleção de pequenos formatos

Dalila dos Santos Cerqueira Pinto<sup>1</sup>

Miniaturas<sup>2</sup> costumam nos fascinar! O poder dos objetos miniaturizados deixa, em um primeiro momento, entrever a habilidade daqueles que imaginaram grandes peças em pequenos formatos.

Esse mundo do pequeno nos exige calma para penetrar nele, assim como aqueles que o criaram, porém ali há mais do que um jogo de dimensões. Para penetrar o mundo dominúsculo é preciso superar o espaço entre o grande e o pequeno. O pequeno contém o grande e para aquele que projeta esse vasto mundo, é como criar um universo em miniatura.

Nessa distância entre a diferença de dimensões nada se perde, ao contrário, se condensa quando se contrai o espaço sob o signo do menor.

Para aquele que analisa imagens, muitas vezes parece não importar a escala. Ao pensar uma mesma imagem em escala diferente é possível ser iludido de que não tenha havido transformação a não ser nas dimensões, mas estaremos enganados ao pensar assim. Para entrar na miniatura o pesquisador precisa da lupa. Sob a mediação desse instrumento o grande mundo contido na miniatura se revela. Agora nada passará despercebido.

O olhar “passeia” por todo o espaço trabalhado descobrindo áreas antes não vistas. Um pequeno objetão não reconhecido a olho nu é identificado; em grafismos que pareciam ser somente efeitos de textura pode-se encontrar a assinatura do autor, textos, datas. O olhar precisa estar sempre em prontidão. Há ainda as surpresas que esse pequeno espaço esconde, e que só se deixam ver ao observador sem pressa, àquele que prazerosamente procura.

Numa miniatura é preciso se deter nos detalhes mínimos que por vezes podem se perder com um simples olhar de conjunto. O tempo do olhar se alonga para quem pesquisa pequenas peças.

Todo este devaneio poético é perfeitamente afim com o objeto de pesquisa que apresentamos: a coleção de pequenas moldagens utilizada como referência para os alunos do curso de gravura de medalhas e pedras preciosas, Gliptica<sup>3</sup>, extinto em 1971, da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA).

## **O início do olhar**

Ao iniciar a pesquisa sobre o curso de Gliptica, e a produção de seus artistas, nos debruçamos nesse estudo sob vários aspectos. A belíssima coleção de medalhas e pedras gravadas que compõem o acervo de medalhística do Museu D. João VI (MDJVI), foi o primeiro impulso para buscar saber mais do início das atividades em gravura na Academia Imperial das Belas Artes (AIBA), posteriormente Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e desta forma poder estudar e expor o material produzido pelos mestres e alunos do curso.

A pesquisa no acervo de outras instituições que possuem exemplares da mesma obra, porém com informações complementares, tem nos ajudado a identificar autorias.

Conhecer um pouco mais da obra desses artistas, muitos deles que além de professores da ENBA lecionavam também na Casa da Moeda do Brasil (CMB), poderá esclarecer e preencher lacunas de estudos anteriores. O trânsito entre as duas instituições, apresenta-se como oportunidade de estudar melhor essa relação e as discussões sobre o ensino técnico-artístico presente em projetos desde a AIBA<sup>4</sup>, e ainda motivo de reflexão passado quase duzentos anos.

A gravura por se situar nesse limiar entre fazer artístico com caráter técnico, por sua reprodutibilidade, propicia essa discussão. O aspecto de peça única só se refere à matriz, não às cópias, que são na verdade consideradas a obra. Tudo isso envolve não só a gravura de reprodução.

Continuamos ainda, estudando nos registros documentais e atas de Congregação que possam nos dizer do funcionamento do curso, da atuação de seus professores, da metodologia de ensino.

No caminho desses estudos acabamos por encontrar precioso material que poderá nos servir na compreensão do ensino da prática de gravação de medalhas e pedras preciosas.

## **A coleção de pequenos formatos (moldagens e lacres)**

Conhecemos as moldagens em gesso que estão expostas nas paredes do MDJVI. São peças relativamente grandes, com quarenta centímetros, algumas maiores, com relevos sobre superfícies planas do mesmo material, usadas como exercício de cópia nas aulas de modelagem. São formas ornamentais: folhas, flores, ornatos, motivos decorativos.

As pequenas peças da coleção que estamos estudando, também em gesso, parecem ter o mesmo propósito de uso: como material didático voltado para o ensino da gravação em relevo pelo curso de Glíptica. O acervo é composto por 2584 peças catalogadas e guardadas em 12 caixas<sup>5</sup>. Os motivos representados são variados. Podemos encontrar cenas religiosas, alegorias, retratos, formas decorativas envolvendo monogramas, brasões, homenagens. As dimensões variam de um a oito centímetros. As formas são em geral circulares, mas encontramos alguma variação em forma oval e retangular.

Esse acervo que parece de fato ser uma coleção didática, mostra em suas peças graus de dificuldade diferentes a cada um dos modelos. Assim há etapas mais simples de resolução para iniciantes, com problemas a serem resolvidos em termos de volume e relação de planos. Outros são modelos bem mais complexos e que exigiriam um domínio de técnica e conhecimento artístico maior. São as próprias modelagens que nos mostram o passo a passo para o aprendizado, pelo exercício das cópias.

O acervo também é composto por exercícios livres de modelagem feitos pelos alunos e as fôrmas que deram origem aos mesmos. Há também várias cópias do mesmo motivo o que nos leva a pensar se tratar de alunos diferentes estudando o mesmo exercício.

Não encontramos ainda, desenhos dessas peças. Podemos deduzir que no caso dos gravadores, um primeiro estudo seria somente um esboço, um croquis, partindo logo para a modelagem em plastilina ou barro do qual se fariam fôrmas (podendo ser chamadas de baixo ou, em côncavo), das quais seriam levantados os volumes (altos), por moldagens em gesso.

Esses exercícios antecipavam e preparavam os alunos para a etapa posterior de gravação direta no aço sem têmpera, dando origem a matrizes.

## **A formação da Coleção**

Procurando saber mais sobre a coleção buscamos o depoimento do gravador Joiceil Vargas, último aluno do curso de Glíptica. Ele nos disse que caixotes com as peças sempre estiveram presentes na sala do curso de gravura. O que ele sabia era o comentário de que a coleção era cópia do Museu do Louvre e teria vindo com a Missão Artística Francesa<sup>6</sup>. Podemos levantar também a hipótese de que elas possam ter sido compradas do Louvre, posteriormente. Sabemos que outras coleções foram adquiridas desta forma.

Algumas peças chegaram a ficar expostas nas paredes da sala de Glíptico no prédio da ENBA, hoje Museu Nacional de Belas Artes, e o Prof. Leopoldo Campos, último professor do curso, pedia a ele algumas vezes, para que fizesse cópias, novas moldagens. Na ocasião da transferência da Escola para a Ilha do Fundão elas foram encaixotadas e em 2009 catalogadas e guardadas nas caixas onde estão hoje.

Ainda segundo Joecil haveria uma relação numerada das peças, escrita em latim. Esta ainda não foi encontrada na documentação do MDJVI.

### **O olhar se alonga**

Uma coleção pode assim ser chamada porque reúne peças da mesma natureza, objetos afins. A coleção ora em estudos tinha uma finalidade de além da beleza de seus temas e precisão de seus relevos, servir como material didático para estudo e desenvolvimento de alunos que praticavam a gravura em relevo.

A coleção de pequenos formatos do MDJVI representa hoje, um grande todo. Cada peça sozinha tem seu valor artístico indubitável, mas é no conjunto que está sua grandeza. É na continuidade de um trabalho ao outro, de uma moldagem à outra que ela se afirma como um todo de alta qualidade.

Os objetos tem o poder de deter nosso olhar e nos colocar questões e é então preciso arrancá-los das correlações habituais, tirá-los de uma ordem, para ressignificá-los.

Nosso olhar de hoje para as pequenas peças não deverá ser mais o de tratar as moldagens como sequencia de dificuldades ou dar mais crédito à algumas de resolução mais complexa.

Não podemos desprezar o estudo das pequenas coleções dentro deste todo, mesmo a espera de ser abordado.

Acreditamos que nossa grande coleção ainda abriga muitas surpresas.





Figura 1 e 2 - Local e forma de guarda das peças (12 caixas contendo 2584 peças). MDJVI/EBA/UFRJ. Foto Barbara Vitiello



Figura 3 - Modelagem em gesso com aferição da escala – 1,2 x 1,5 cm. MDJVI 4987

Foto: Barbara Vitiello



Figura 4—Modelagem em gesso - 7,0 cm de diâmetro. MDJVI 4948

Foto: Barbara Vitiello



Figura 5—Forma em gesso - 5,0 cm de diâmetro.  
MDJVI 5029B. Foto: Barbara Vitiello



Figura 6—Gravação em metal, mesmo tema da figura 5  
- 5,0 cm de diâmetro MDJVI 4810. Foto: Barbara  
Vitiello

## Notas

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta Departamento de Análise da Forma - EBA/UFRJ. Doutora em Artes Visuais – PPGAV/EBA/UFRJ

<sup>2</sup> O filósofo Gaston Bachelard, nos diz em seu livro *A Poética do Espaço* que “o grande habita o pequeno”. (Bachelard, 1993, p. 157).

<sup>3</sup> Do grego, *gluptikéé* a arte de gravar em relevo ou em côncavo, pedras preciosas além de outras matérias como concha, nácar, marfim, coral e outras. Gênero de gravura em baixo relevo aplicado na confecção de camafeus, entalhes, sinetes, moedas, medalhas, selos, carimbos, etc. (Campos, 1959, p. 134-135).

<sup>4</sup> Rafael Cardoso Denis em seu ensaio *A Academia Imperial de Belas Artes e o Ensino Técnico* nos informa que no ano letivo de 1856 “ingressaram na Academia alguns alunos artífices, incluindo seis aprendizes enviados pela Casa da Moeda” (Cardoso, 1996, p.188).

<sup>5</sup> As caixas são feitas em plástico poli onda. As moldagens são guardadas individualmente em envelopes de papel, numerados.

<sup>6</sup> No trabalho *As Gemas e os Camafeus: da Antiguidade à Época Moderna* de Rui Morais, ele nos apresenta em seu texto a informação de que “para além de Roma, outras capitais europeias tinham reunido quantidades apreciáveis de glíptica. O Gabinete de Medalhas e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Paris foi um dos locais mais importantes a respeito”. (Morais, 2011 p. 383).